
**QUANDO A COMUNICAÇÃO PRESCINDE DA PALAVRA:
COMUNICAÇÃO INTERSENSORIAL E SOCIABILIDADES NO
TRANSPORTE COLETIVO URBANO**

***WHEN COMMUNICATION DISPENSES WITH WORDS:
INTERSENSORY COMMUNICATION AND SOCIABILITIES IN
URBAN PUBLIC TRANSPORT***

***CUANDO LA COMUNICACIÓN NO REQUIERE PALABRAS:
COMUNICACIÓN INTERSENSORIAL Y SOCIABILIDAD EN EL
TRANSPORTE PÚBLICO URBANO***

Marcelo Amador de Oliveira Dias
Universidade Federal do Pará

Marina Ramos Neves de Castro
Universidade Federal do Pará

Resumo: Este artigo busca compreender como a comunicação no cotidiano urbano opera menos pela linguagem verbal e mais por processos sensoriais incorporados, especialmente em contextos de copresença intensa, como no transporte coletivo. O problema consiste em compreender de que modo gestos, posturas corporais, usos de objetos e percepções ambientais organizam sociabilidades e formas de convivência. Metodologicamente, apoia-se em uma etnografia sensorial realizada na linha de ônibus 901, que liga os municípios contíguos de Ananindeua e Belém, Pará. Os achados indicam que práticas banais, como ajustar o corpo ou acomodar objetos, constituem formas comunicacionais centrais para a regulação da copresença. Conclui-se que a comunicação sensorial é fundamental na organização das sociabilidades urbanas, contribuindo para a reflexão a respeito do campo da Comunicação ao deslocar o foco compreensivo da sua dimensão discursiva para a dimensão relacionada à experiência vivida.

Palavras-chave: Comunicação intersensorial; Sociabilidades urbanas; Transporte coletivo; Etnografia sensorial; Cotidiano urbano.

Abstract: This article seeks to understand how communication in everyday urban life operates less through verbal language and more through embodied sensory processes, especially in contexts of intense copresence such as public transportation. The problem addressed is how gestures, bodily postures, object use, and environmental perceptions organize sociabilities and forms of coexistence. Methodologically, the study is based on a sensory ethnography conducted on bus line 901, which connects the contiguous municipalities of Ananindeua and Belém, in the state of Pará, Brazil. The

findings indicate that ordinary practices, such as adjusting one's body or accommodating objects, constitute central communicative forms for regulating copresence. The article concludes that sensory communication plays a fundamental role in organizing urban sociabilities, contributing to reflections in the field of Communication by shifting the analytical focus from its discursive dimension to the dimension related to lived experience.

Keywords: Intersensory communication; Urban sociabilities; Public transportation; Sensory ethnography; Everyday urban life.

Resumen: Este artículo busca comprender cómo la comunicación en la vida urbana cotidiana opera menos a través del lenguaje verbal y más a través de procesos sensoriales corporales, especialmente en contextos de intensa copresencia, como en el transporte público. El problema radica en comprender cómo los gestos, las posturas corporales, el uso de objetos y las percepciones del entorno organizan las sociabilidades y las formas de convivencia. Metodológicamente, se basa en una etnografía sensorial realizada en la línea de autobús 901, que conecta los municipios contiguos de Ananindeua y Belém, en Pará. Los hallazgos indican que prácticas banales, como ajustar el cuerpo o acomodar objetos, constituyen formas comunicacionales centrales para la regulación de la copresencia. Se concluye que la comunicación sensorial es fundamental en la organización de las sociabilidades urbanas, contribuyendo a la reflexión en el campo de la Comunicación al desplazar el enfoque integral de su dimensión discursiva a la dimensión relacionada con la experiencia vivida.

Palavras-clave: Comunicação intersensorial; Interações sociais urbanas; Transporte público; Etnografia sensorial; Vida cotidiana urbana.

1 INTRODUÇÃO: COMUNICAÇÃO, SENTIDOS E COTIDIANO URBANO

Este artigo parte da hipótese de que, no cotidiano urbano, a comunicação se realiza menos pela linguagem verbal e mais por processos sensoriais incorporados, especialmente, em contextos de copresença¹ intensa, como no transporte coletivo. A partir de uma etnografia sensorial realizada na linha de ônibus 901, no trânsito Ananindeua-Belém, municípios contíguos, localizado na Região Metropolitana de Belém, Pará, busca-se compreender como gestos, objetos, posturas corporais e percepções ambientais estruturam sociabilidades e formas de convivência em espaços públicos de mobilidade. Para tanto, o trabalho se apoia em uma etnografia sensorial realizada na referida linha de ônibus, analisando práticas cotidianas que regulam a experiência coletiva do deslocamento. Ao fazê-lo, o artigo também procura contribuir

¹ Entende-se por copresença a situação em que indivíduos compartilham um mesmo espaço-tempo e tornam-se mutuamente perceptíveis, orientando suas ações a partir da percepção sensível do outro (Goffman, 1983). Em chave fenomenológica, a copresença pode ser compreendida como uma experiência intersubjetiva fundada no estar-junto corporalmente situado no mundo vivido, no qual a percepção do outro se dá de maneira pré-reflexiva e incorporada (Schütz, 1979, apud Wagner, 1979; Merleau-Ponty, 2011). O conceito é aqui mobilizado de forma operacional, sem desenvolvimento teórico específico.

para com a reflexão a respeito do campo da pesquisa em Comunicação, ao deslocar o foco do discurso para o da experiência vivida, a percepção incorporada e os regimes sensoriais que estruturam as interações urbanas.

Assim sendo, acompanhamos dona Silmara num ponto de ônibus em torno das 6:45 da manhã de um dia de semana. Ela conta-nos que já estava atrasada, e que normalmente deveria estar no ônibus naquele horário, para conseguir chegar ao trabalho até às 8 horas. Notando que nós já nos encontrávamos ali quando da sua chegada, ela pergunta-nos há quanto tempo estamos esperando [o ônibus]. Respondemos que “coisa de dez minutos”, que não estávamos ali há tanto, assim. “*Deve tá pra vim*”, dona Silmara diz. Aproveitamos esse diálogo curto e bastante comum em paradas de ônibus para estabelecer uma troca com Silmara, ou melhor, uma comunicação intersensorial² (Castro, 2026).

Na rua em que estamos, passa o ônibus 901 (Cidade Nova 5 - Ver-O-Peso), uma linha circular com 98 paradas, saindo da travessa We 31 com a travessa Sn 20, bairro da Cidade Nova 5, município de Ananindeua. É dentro desta linha de ônibus que este e outros relatos e diálogos narrados neste artigo se desenrolaram, em meio a variáveis como diferentes horários, trechos do itinerário da linha e rostos. Tudo muito efêmero e, mesmo assim, constante, uma vez que, segundo Simmel (1973), a vida urbana é caracterizada por uma rede de encontros breves e fragmentados que, apesar de sua superficialidade, são fundamentais na formação de intersubjetividades modernas.

É a partir desse uso reiterado da linha 901 que se constituiu o percurso etnográfico desta pesquisa. Realizada entre 2024 e 2026, a pesquisa foi construída a partir do uso contínuo da linha de ônibus 901, que integra os municípios de Ananindeua e Belém. O pesquisador é usuário da referida linha e, ao longo de dois anos, realizou mais de cem viagens e incursões, em diferentes horários, principalmente nos períodos da manhã e da tarde. A escolha da linha não decorreu, portanto, de uma seleção prévia

² Entende-se por intersensorialidade a articulação integrada dos sentidos do corpo, culturalmente situados, na produção de significados e na mediação das relações sociais. A comunicação intersensorial refere-se, assim, a processos comunicacionais que operam para além da linguagem verbal, ancorados na percepção incorporada e na relação entre corpos, objetos e ambiente (Castro, 2026).

orientada exclusivamente por critérios externos ao campo, mas emergiu da própria experiência cotidiana de deslocamento e do interesse suscitado pelas situações sensoriais e interacionais observadas durante seu uso. As situações analisadas foram selecionadas a partir da experiência vivida e da observação do pesquisador, considerando acontecimentos, gestos, movimentos, usos de objetos, interações e demais situações que se mostraram relevantes para a compreensão das formas de comunicação e sociabilidade produzidas no interior do transporte coletivo. Os registros foram realizados sistematicamente em caderno de campo e em diário de campo, ao longo dos três anos de acompanhamento. Além das observações, foram realizadas aproximadamente 30 entrevistas com usuários da linha, cujos relatos foram incorporados à análise em articulação com as situações observadas, permitindo confrontar a percepção do pesquisador com as experiências narradas pelos próprios passageiros. Essa posição de pesquisador-usuário constitui uma dimensão fundamental do percurso metodológico, uma vez que a investigação não se desenvolveu a partir de uma observação externa do transporte coletivo, mas da participação reiterada e corporalmente situada no próprio ambiente pesquisado.

Neste momento, a talvez três centenas de metros de nós, o coletivo se aproximava. Observo que não estávamos sozinhos ali naquela parada de ônibus, outras pessoas nos cercavam. Pessoas vestidas com uniformes escolares, trajando uniformes de empresas onde certamente trabalhavam e para quais estavam se dirigindo, uma mulher com uma criança em seu colo e uma bolsa com desenhos infantis e outras pessoas.

Conforme o ônibus se aproximava, era nítida, quase palpável, uma certa apreensão entre as pessoas que me cercavam, pelos mais possíveis motivos que, até aquele momento, eu apenas podia supor, sendo eu mesmo também usuário desta modalidade de transporte. Talvez alguém ali estivesse internamente comemorando – eventualmente aliviado – a vinda do coletivo e, assim, não se atrasaria para um compromisso; talvez a moça com a criança no colo conseguiria chegar no horário uma eventual consulta agendada para a filha; os homens bateriam seus pontos no horário certo; a vida correria bem.

Dona Silmara, da mesma forma, também aparentava certa apreensão. A essa altura, percebi que ela já estava com um vale digital³ na mão direita, enquanto a mão esquerda segurava a alça da bolsa próximo ao ombro. No movimento que se fazia de aproximação do ônibus, todos nós que estávamos na parada começamos ligeiramente a nos movimentar, ajustando-nos uns aos outros, na tentativa de melhor nos posicionarmos para quando o veículo parasse e estivéssemos em boa posição para adentrarmos com presteza, subirmos seus degraus e pudéssemos nos acomodar sentados. Sim, a disputa é termos acesso a lugares sentados com o mínimo de conforto. Essa excitação e apreensão era normal quando o ônibus se aproximava; e quanto maior o número de passageiros à espera, maior era essa agitação na preeminente “pegada do ônibus”.

Voltando a dona Silmara, observamos que, antes da parada do ônibus para que pudéssemos pegá-lo, ela, como os demais, estava se “ajeitando” para quando o ônibus, que estava cada vez mais próximo, parasse no ponto. A grande questão talvez fosse: não havia fila, ou seja, a aparente apreensão do pequeno grupo de pessoas ali reunidas parecia girar em torno de questão de precedência em relação ao ato de adentrar no ônibus. E isso, certamente, junto com a espera e a superação da espera, aguçara a percepção de todos, fazendo-os comunicarem-se entre si a partir dos sentidos não verbalizáveis e dos movimentos corporais que respondiam a esses sentidos. Como a comunicação não passava por um canal direto e era tangencialmente perceptível através dos sentidos que atuavam concomitantemente através da relação entre o corpo e corpo, corpo e ambiente, ocorria ali uma comunicação intersensorial (Castro, 2026); forma de comunicação que será tratada ao longo deste artigo.

A partir dessas e de outras interações aparentemente banais, este artigo propõe uma reflexão mais ampla sobre a comunicação no cotidiano urbano. Defende-se que, em espaços de mobilidade coletiva, como o ônibus, a comunicação se realiza por meio dos sentidos — que perpassam através de gestos, olhares, posturas corporais,

³ Cartão plástico mensalmente recarregado com determinado valor, benefício fornecido por empresas para auxiliar os funcionários no custeio das despesas de deslocamento.

movimentos e objetos — e não prioritariamente pela linguagem verbal. Trata-se de uma comunicação intersensorial, na qual o corpo e o ambiente desempenham papel central na organização das sociabilidades.

2 PERCURSOS URBANOS E ORGANIZAÇÃO SENSORIAL DA COPRESENÇA - CAMINHANDO ENCONTRAMOS NOSSO PERCURSO

Éramos sete ou oito pessoas aguardando para entrar no veículo: uma mulher com uma criança no colo, outra senhora aparentando cerca de cinquenta anos, alguns homens e um rapaz com uniforme escolar. Diante dessa configuração, tornava-se perceptível a possibilidade — socialmente aprendida — de ceder passagem à mulher com a criança ou à senhora, por meio de um gesto corporal ou de um leve movimento de cabeça. Tais expectativas normativas, associadas a marcadores como gênero, idade e condição física, são amplamente difundidas no cotidiano urbano, mas não operam como regras mandatórias.

Essas convenções configuram formas sociais flexíveis, que se atualizam, se aprofundam e/ou se suspendem conforme a leitura situacional dos sujeitos. Como aponta Goffman (2018), a vida social — assim como nossas condutas e comportamentos nela — é organizada por regras não escritas, às quais se adere muitas vezes de modo tácito, mas que permanecem abertas à negociação, adaptação ou suspensão, dependendo do contexto interacional.

Naquela situação específica, a espera pelo embarque no ônibus parecia menos orientado por hierarquias explícitas de precedência e mais por uma lógica contingente. Subia primeiro quem encontrasse espaço; sentava-se quem localizasse um assento disponível. Sem maiores deliberações, embarquei. O trajeto seria longo, e o ônibus, já longe de estar vazio, anunciava a complexidade das interações que se desenrolariam ao longo do caminho.

Todas as pessoas aproximavam-se da exata parada do ônibus, e já aguardavam à beira da pista, pisando no asfalto, buscando se posicionar da melhor forma para o embarque. Antes mesmo do ônibus parar completamente, os corpos já se reorganizavam em função da abertura iminente das portas. Naquele momento, era

incerto se conseguiríamos um assento próximo a Dona Silmara, mas mantemo-nos atento à sua presença, evitando perdê-la em meio ao fluxo de pessoas. O aglomerado de pessoas intensificou-se na direção da porta, assim que o ônibus parou. Ali, havia um diálogo entre os corpos, agenciado pelo tato e pelo movimento dos corpos que promovia a linguagem sensorial enquanto dispositivo comunicativo.

Dona Silmara posicionou-se junto à porta assim que o veículo parou. Apenas mais tarde, ela comentaria que sua preocupação era evitar chegar suada ao trabalho, por isso um bom lugar, sentada, evitaria uma viagem desconfortável que a fizesse suar. Apesar de ter-se permanecido próximo a ela, não conseguimos embarcar imediatamente juntos, pois um dos homens uniformizados adiantou-se impedindo a contiguidade no ato da subida dos degraus do ônibus. A cena revelou como o embarque se constitui por microajustes corporais em diálogo contínuos e diretos, que compreendemos por uma forma de comunicação não verbal e não ordenada, estabelecida formalmente através da propriocepção⁴, das vibrações e do tato; e, ainda dos odores dos corpos, da visão e da audição, sentidos produzidos pelos elementos contidos naquela circunstância banal e ordinária do mundo da vida, possibilitando uma forma de comunicação inerente àquela maneira conjuntural – tida como automática - no comportamento urbano.

Figura 1 – A espera – Passageiros aguardam para embarcar no ônibus da linha 901

⁴ Propriocepção é o sentido pelo qual percebemos a posição, o movimento e a tensão do nosso próprio corpo no espaço, sem precisar olhar para ele. Merleau-Ponty (2011), a propriocepção é central para a ideia de que o corpo não é um objeto entre outros, mas o meio pelo qual o mundo se torna perceptível.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Na imagem, observam-se os usuários do coletivo 901 organizados na parada de ônibus. Essa disposição dos corpos não resulta de instruções formais ou de comunicação verbal explícita, mas de uma comunicação sensorial que se estabelece por meio dos sentidos corporais. A visão e a audição orientam a atenção ao ambiente e à aproximação do veículo, enquanto sentidos somáticos, como a propriocepção e a percepção das vibrações, regulam distâncias, posições e movimentos. É a partir dessa articulação intersensorial, produzida no encontro entre corpos, espaço e ambiente urbano, que os usuários se posicionam e se deslocam, revelando uma forma de comunicação cotidiana que opera menos pela linguagem e mais pelos sentidos (Castro, 2020; 2024; 2024b).

Ressaltamos, ainda, que a propriocepção pode ser compreendida como uma dimensão fundamental da sensorialidade, pois diz respeito à percepção encarnada do corpo em movimento e em relação – ou seja, em interação com algo –, não se limitando a um sentido isolado, mas operando de modo integrado aos demais sistemas perceptivos. Nessa perspectiva, autores como Soesman (1998), Pallasmaa (2010) e Castro (2024) defendem que a experiência sensorial é sempre intersensorial, isto é, constituída pela articulação dinâmica entre visão, tato, audição, olfato, equilíbrio e propriocepção, rompendo com modelos hierárquicos ou compartimentados dos sentidos.

Em diálogo com essa abordagem, Castro (2024a; 2024b) enfatiza o caráter relacional e situado da percepção, destacando que o sensível emerge da afetação mútua entre corpo, ambiente e outros corpos, o que coloca a propriocepção como eixo central da experiência perceptiva, na medida em que ancora a sensorialidade no corpo vivido e sustenta as práticas sociais como experiências corporais, relacionais e historicamente situadas.

3 INTERAÇÕES INTERSENSORIAIS NO INTERIOR DO TRANSPORTE PÚBLICO

Ao adentrar o ônibus, tornou-se imediatamente perceptível o modo como o espaço interno se apresentava: uma sucessão de rostos de diferentes idades, tons de pele e expressões, corpos vestidos com uniformes escolares, fardas de trabalho e roupas cotidianas, além de alguns assentos ainda disponíveis na parte traseira do veículo. Na área anterior à catraca, destinada às gratuidades, todos os lugares estavam ocupados, e alguns idosos permaneciam em pé, o que produzia uma sensação evidente de abafamento e compressão corporal. Para avançar, foi necessário erguer a mochila acima das cabeças, evitando contatos eventualmente indelicados naquele espaço já saturado.

Observa-se que, após o embarque, os passageiros atravessam rapidamente a catraca, buscando garantir um assento disponível ou, na ausência dele, posicionar-se de modo estratégico, à espera de alguma vaga. Essa dinâmica produz uma tensão latente, marcada por expectativas, disputas silenciosas e leituras constantes do ambiente, sobretudo porque a área anterior à catraca é socialmente reconhecida como espaço prioritário para idosos e pessoas com direito à gratuidade.

Dona Silmara aproximou o vale digital da leitora eletrônica, que respondeu com um apito sonoro característico, liberando sua passagem. O senhor que estava à minha frente deslocou-se ligeiramente, abrindo espaço para que eu passasse. Paguei a tarifa e, mais uma vez, mantive-me próximo a dona Silmara, acompanhando seus movimentos até o fundo do ônibus, onde ainda havia alguns assentos livres.

Ao sentar-se, ela comentou: “É o lado do sol”. Estávamos posicionados à esquerda do veículo, o que significava que, ao longo de boa parte do trajeto, a incidência solar recairia diretamente sobre aquele lado, aquecendo rostos, ombros, braços e colos.

O comentário, breve e aparentemente trivial, acionava uma leitura sensorial do percurso e antecipava desconfortos futuros, revelando como o ambiente é continuamente percebido e interpretado pelos passageiros.

Algumas das pessoas que aguardavam conosco na parada permaneceram em pé no corredor central. Entre elas, estava a mulher com a criança no colo, posicionada próxima à catraca, segurando o balaústre horizontal para manter o equilíbrio. Os olhares cruzavam-se entre os passageiros sentados, como se todos compartilhassem a expectativa de que alguém cedesse o lugar, sem que houvesse, naquele momento, uma iniciativa clara.

Antes da próxima parada, um rapaz com fones de ouvido, vestindo uma roupa que poderia ser tanto de trabalho quanto de estudo, levantou-se. Sem emitir palavras, fez um breve gesto com a mão, apontando para o assento. A mulher, equilibrando-se com cuidado para não deixar cair a criança e nem a bolsa, dirigiu-se ao lugar. Ao sentar-se, sorriu e agradeceu: “Obrigada”.

O gesto de ceder o assento, ainda que rápido, evidencia uma forma de comunicação não verbal mediada pelos sentidos, na qual o reconhecimento da presença e da necessidade do outro se realiza sem o recurso à palavra. Trata-se de uma interação intersensorial que articula percepção visual, leitura corporal e avaliação situacional, condicionada pelas características do ambiente e pelas normas tácitas que regulam o uso daquele espaço.

Esses gestos efêmeros não se reduzem a ações funcionais. Eles comunicam e reafirmam significados culturais e normas sociais, operando como microacordos que organizam a convivência em contextos de copresença intensa. O ato de ceder lugar pode, ainda, inscrever momentaneamente os sujeitos em hierarquias sensíveis baseadas na idade, na condição física ou em expectativas de cuidado, revelando como os sentidos orientam a navegação pelas regras não escritas do transporte coletivo (Pink, 2015).

É nesse sentido que a etnografia sensorial se apresenta como abordagem analítica pertinente. Conforme propõe Pink (2011), trata-se de repensar a etnografia a

partir da centralidade da experiência sensorial, integrando percepção, corporeidade e categorias sensíveis à produção do conhecimento. Mais do que estudar os sentidos em si, a etnografia sensorial permite compreender como eles estruturam práticas, interações e formas de sociabilidade no cotidiano.

Do ponto de vista metodológico, considerar o espaço interno do ônibus como um ambiente culturalmente produzido — ainda que de forma efêmera — implica reconhecer que a comunicação cotidiana no espaço urbano se realiza por práticas sensoriais não verbais. Observar gestos, posturas, usos de objetos e percepções ambientais torna-se, assim, fundamental para acessar as formas de sociabilidade que se produzem no interior do transporte coletivo.

À medida em que as paradas se sucediam, o ônibus tornava-se progressivamente mais cheio, sem que houvesse desembarques. O espaço configurava-se como simultaneamente reduzido e densamente ocupado, intensificando a proximidade entre os corpos e a complexidade das interações. Nesse contexto, os sentidos assumem papel central na regulação da convivência: por meio de percepções visuais, táteis, auditivas e corporais, os passageiros ajustam posições, negociam distâncias e organizam movimentos. A comunicação intersensorial, portanto, não é acessória, mas constitutiva da experiência coletiva naquele espaço, estruturando as interações em um ambiente marcado pela saturação e pelo compartilhamento forçado.

Se esses microgestos já revelam a centralidade dos sentidos na regulação da copresença, à medida que o ônibus se enche de passageiros, as interações deixam de ser pontuais e passam a se encadear, tornando o ambiente sensorialmente mais denso e exigindo formas mais complexas de ajuste, cooperação e atenção mútua.

4 A COMUNICAÇÃO INTERSENSORIAL EM AMBIENTES SATURADOS

À medida em que o ônibus avançava e a quantidade de passageiros aumentava, as interações tornavam-se mais densas e contínuas. Dona Silmara, aparentemente tranquila com minha presença ao seu lado, desviou o olhar do celular e passou a observar o corredor do veículo, agora intensamente ocupado. Acompanhando seu

movimento, percebi olhares dispersos, expressões faciais cansadas ainda tão cedo, respirações profundas e pequenos sons que se espalhavam por todo o interior do coletivo, além de conversas paralelas e interações esporádicas. Esses elementos compunham um ambiente sensorial saturado, no qual a copresença dos corpos exigia ajustes constantes e uma atenção sensível ao outro.

Nesse ambiente progressivamente saturado, chamou minha atenção um rapaz em pé, próximo a mim, cuja presença também era acompanhada pelo olhar de Dona Silmara. Ele mantinha a mochila posicionada à frente do corpo, junto ao peito. Observado a partir da etnografia sensorial, esse gesto revela-se como uma forma de comunicação não verbal que articula simultaneamente preocupações físicas e sociais. Ao reposicionar a mochila, o passageiro ajusta sua presença no espaço coletivo, minimizando o contato involuntário e sinalizando atenção à copresença dos outros corpos. A ausência de fala, nesse caso, não implica ausência de comunicação; ao contrário, são os sentidos — sobretudo a percepção corporal e espacial — que organizam e regulam a interação naquele ambiente saturado.

Como aponta Pallasmaa (2010), os sentidos são centrais na forma como experienciamos o espaço e nos comunicamos dentro dele. Nesse sentido, o gesto do rapaz não se reduz a uma solução prática, mas expressa uma leitura sensível do ambiente, orientada pela percepção visual, tátil e corporal da proximidade física. Segurar a mochila junto ao corpo implica reconhecer os limites do espaço compartilhado e agir de modo a reduzir o desconforto próprio e alheio, ao mesmo tempo em que sinaliza cuidado, respeito e atenção ao outro em um contexto de mobilidade coletiva.

Essa leitura sensível do espaço ganhou densidade relacional quando Dona Silmara, percebendo a situação, ergueu a mão em direção à mochila e perguntou ao rapaz se gostaria que ela a segurasse. Quase imediatamente, ele retirou as alças dos ombros e lhe entregou o objeto, equilibrando-se com a outra mão. Após agradecer com um breve “obrigado”, ajustou a camisa ao corpo, demonstrando certo alívio, e passou a concentrar-se no celular enquanto permanecia em pé próximo a mim.

Nesse breve episódio, estabelece-se uma troca intersubjetiva que integra corpos, objetos e ambiente, evidenciando o caráter fundamentalmente intersensorial da experiência humana (Howes, 2005). A interação não se organiza prioritariamente pela linguagem verbal, mas por práticas sensoriais incorporadas, nas quais gestos, posturas e objetos mediam a convivência cotidiana (Ingold, 2000; Castro, 2020; 2024).

O ato descrito evidencia, assim, como significados sensoriais estruturam uma forma social específica no interior do transporte coletivo urbano. No espaço do ônibus, gestos e objetos não apenas coexistem, mas participam ativamente da organização das interações, constituindo um ambiente intersubjetivo e colaborativo. Corpos e objetos compartilham o mesmo campo sensorial e, ao fazê-lo, produzem uma experiência coletiva mediada menos pela linguagem verbal e mais pela percepção incorporada, pela atenção ao outro e pela regulação sensível da copresença.

Figura 2 – No ônibus 901 – Mulher sentada (camisa vermelha) segura mochila de um homem em pé.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Encerrada essa breve troca, Dona Silmara e eu permanecemos em silêncio por alguns instantes. Ela guardou o celular dentro da bolsa, apoiada sobre a mochila que havia segurado, ambas acomodadas em seu colo, e passou a olhar pela janela do ônibus. Percebi que suava. Já passava pouco das 7h10 da manhã, e o calor se fazia presente não

apenas pelo horário, mas pelas próprias condições do ambiente interno do veículo, que intensificavam as sensações corporais ali vividas.

O ruído proveniente do exterior do ônibus era intenso, por vezes caótico: automóveis em fluxo contínuo, motores, buzinas, escapamentos de motocicletas, caminhões e, ocasionalmente, sirenes de ambulância compunham um verdadeiro festival sonoro do cotidiano urbano. No interior do coletivo, o cenário não era distinto. Produziam-se sensações táteis, olfativas — entre perfumes e odores desagradáveis —, visuais e sonoras, frequentemente ambivalentes e difusas (Castro, 2021; 2020). Tratava-se de uma experiência sinestésica que tornava os minutos da viagem potencialmente incômodos, exigindo constantes ajustes corporais e perceptivos.

É importante destacar que tais sensações não se configuravam como experiências individuais isoladas, mas como percepções compartilhadas entre os passageiros, em maior ou menor grau. Essas condições sensoriais compunham uma intersensorialidade própria de espaços de mobilidade coletiva, produzida e reproduzida por meio de uma comunicação intersensorial (Castro, 2026) que se estabelece entre o eu, o outro e o ambiente. Nesse contexto, práticas como segurar mochilas, ajustar posturas ou ceder espaços não aparecem como gestos excepcionais, mas como respostas sensíveis às exigências da convivência em um espaço saturado.

Retomando o diálogo, perguntamos a dona Silmara se tinha o costume de segurar mochilas ou bolsas de outros passageiros durante as viagens de ônibus. Ela respondeu: “Sempre que dá, a gente faz, né?. Eu também ando muito (de ônibus) em pé às vezes... às vezes quando eu tô de sacola grande é difícil, muito peso, né?”⁵

Assentindo, questionei se havia algum critério para a realização desse gesto de gentileza. Dona Silmara explicou:

“Olha, eu acho que depende muito. Tem gente que anda com mochilão. Mas quando é uma bolsinha menor ou se tiver muito cheio eu faço porque fica batendo na gente que tá sentado. Quando eu tô em pé, muita gente também segura, às vezes também se levantam pra mim sentar. É todo dia isso, a gente nunca sabe como vai ser a viagem.”⁶

⁵ Dona Silmara durante entrevista em 29 setembro 2024.

⁶ Idem

Percebendo-a mais falante — talvez como forma de se distrair do calor e da demora —, perguntei há quanto tempo utilizava diariamente a linha 901 e se sempre havia morado naquele conjunto. Ela contou que usava a linha há cerca de dez ou onze anos e relembrou seus deslocamentos anteriores, entre o bairro do Icuí-Guajará e a Terra Firme, destacando como o uso cotidiano do ônibus atravessava diferentes momentos de sua trajetória de vida.

Ao narrar essas experiências, Dona Silmara evidenciava como o transporte coletivo não constitui apenas um meio de deslocamento, mas um espaço de memória, sensações e sociabilidades acumuladas ao longo do tempo. O cotidiano do ônibus, nesse sentido, articula experiências sensoriais presentes e lembranças passadas, reforçando o caráter incorporado e relacional da comunicação que se estabelece nesses percursos urbanos.

De modo semelhante, o uso de um gancho para pendurar sacolas, observado em outro momento da pesquisa, reforça o papel mediador dos objetos nas interações sociais. Mais do que soluções utilitárias, esses artefatos integram a experiência sensorial do deslocamento, facilitando a navegação corporal, a permanência no espaço e a convivência com outros passageiros. Corpos e objetos, assim, articulam-se na produção de uma experiência coletiva marcada pela adaptação contínua às restrições e possibilidades do ambiente.

Figura 3 – No ônibus 901 – Sacolas penduradas por um gancho.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Outra evidência que trazemos, trata-se da senhora que fazia crochê, com aparente tranquilidade e prazer durante uma viagem de ônibus urbano tumultuado e com calor intenso⁷. Em nossa compreensão, esse exemplo se faz expressivo pois enfatiza como atividades corporais e manuais podem criar zonas de conforto e estabilidade sensorial em um espaço marcado pela transitoriedade, impessoalidade e desconforto. O crochê, nesse contexto, não se restringe a um passatempo, mas atua como uma forma de produzir um espaço e equilíbrio pessoal e sensorialmente expressivo dentro de um ambiente público compartilhado, revelando estratégias cotidianas de estar no ônibus.

Observa-se, ainda, que muitos desses processos comunicacionais não são plenamente conscientes para os sujeitos em interação. Ainda assim, como argumenta Castro (2021), produzem efeitos concretos na organização da convivência, sendo atravessados pela comunicação intersensorial,

“Observamos que as relações recíprocas que estabelecemos, e através das quais nos comunicamos, estão permeadas pela intersensorialidade, ou seja, pela comunicação através da qual os sentidos do corpo, providos de cultura, são agentes fundamentais para a realização da intersensorialidade.” (Castro, 2021: 125).

⁷ Ressaltamos que em Belém há pouca variação de temperatura, temos um clima quente e úmido e os ônibus só foram ter climatização durante e após a COP30.

Os exemplos analisados acima indicam que a experiência sensorial no ônibus não se limita às condições físicas do espaço, mas envolve dinâmicas comunicacionais complexas entre corpos, objetos, ambientes e sentidos. Como argumenta Pink (2009), a etnografia sensorial permite acessar essa complexidade ao deslocar o olhar para as formas pelas quais os indivíduos vivenciam e moldam os espaços cotidianos por meio da percepção incorporada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ETNOGRAFIA SENSORIAL E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM MOVIMENTO

Este artigo resulta de encontros breves e fragmentados, característica própria de uma etnografia realizada em trânsito, *on foot*, como anunciamos acima. Contudo, essa transitoriedade não se deu de maneira apressada e imprevista, mas bem ao contrário. Se deu por meio de uma observação lenta e reiterada, voltada à apreensão das percepções sensoriais que atravessam as interações cotidianas. Sons, gestos, movimentos e microinterações revelam camadas sensoriais e afetivas da experiência urbana, fundamentais para compreender como os sujeitos se relacionam com seus contextos sociais e materiais.

A observação direta e participante mostrou-se, assim, condição central da pesquisa, uma vez que a interação constitui o próprio fundamento do trabalho etnográfico (Eckert; Rocha, 2008). Habitar o mundo da vida e ocupar reiteradamente esse ambiente, marcado pela diversidade e pela efemeridade, implicou reconhecer que a presença do pesquisador também compõe a cena observada, integrando os fluxos comunicacionais e sensoriais do espaço.

Nesse sentido, os aportes da etnografia sensorial e da etnografia *on foot* (Lee; Ingold, 2006; Pink, 2012; Castro, 2020, 2021, 2024, 2026) foram fundamentais para compreender como o ato de caminhar, esperar e deslocar-se de ônibus engendra processos de reciprocidade e sociação, produzindo formas sociais situadas (Simmel, 2006; Castro, 2024).

Como observa Lee e Ingold (2006), o caminhar permite compreender os lugares a partir das rotas que os constituem, uma vez que o movimento envolve o corpo inteiro em interação contínua com o ambiente. É nesse fazer sensorial — andar, sentir, observar e conviver — que esta pesquisa se ancora.

Por fim, o uso da primeira pessoa do singular não se configura como recurso estilístico, mas como posicionamento epistemológico. Ao assumir a parcialidade do olhar e a localização do pesquisador, este trabalho alinha-se às epistemologias situadas propostas por Haraway (1988), reconhecendo que o conhecimento é produzido de forma multimodal, relacional e contextual (Laplantine, 2016), a partir das condições concretas do sentir, do perceber e do estar-no-mundo.

Se, na parada de ônibus, a comunicação sensorial organiza o posicionamento e o acesso ao veículo, no interior do coletivo essas dinâmicas se intensificam, atravessadas pela proximidade corporal, pela disputa por assentos e pela negociação contínua do espaço.

Nesse sentido, a pesquisa sobre sensorialidade no horizonte do campo da Comunicação não se limita à incorporação dos sentidos como novos objetos empíricos, mas implica um deslocamento epistemológico mais profundo. Trata-se de questionar modelos comunicacionais centrados prioritariamente na linguagem verbal, no discurso ou nos meios técnicos, para reconhecer que a comunicação também se realiza — e muitas vezes se organiza fundamentalmente — no plano da experiência vivida, da percepção incorporada e da copresença sensível. Ao assumir a sensorialidade como dimensão constitutiva dos processos comunicacionais, este trabalho alinha-se a uma perspectiva que compreende a comunicação como prática relacional, situada e corporalmente mediada, na qual corpo, ambiente e objetos operam como agentes de significação. Tal deslocamento implica repensar tanto o estatuto do sensível na produção do social quanto os próprios modos de conhecer em Comunicação, exigindo abordagens metodológicas capazes de apreender aquilo que escapa ao verbalizável, mas que, ainda assim, estrutura as sociabilidades e regula a vida cotidiana urbana.

As interações descritas — marcadas por gestos mínimos, ajustes corporais e usos situados de objetos — permitem deslocar o olhar analítico do evento isolado para os modos pelos quais a experiência sensorial organiza a convivência cotidiana no transporte coletivo. A partir dessas cenas etnográficas, torna-se possível refletir de forma mais sistemática sobre o corpo, os sentidos e os objetos como operadores centrais dos processos comunicacionais observados.

Ao longo deste artigo, o corpo foi compreendido como “pessoa inteira, corpo e mente indissolúveis, num ambiente ricamente estruturado” (Ingold, 2018), não apenas como suporte da experiência, mas como operador central na produção de sentidos durante as viagens de ônibus. Gestos, olhares, silêncios, ajustes corporais e usos de objetos revelaram-se fundamentais para a organização da convivência cotidiana no interior do transporte coletivo, evidenciando que a comunicação nesse contexto opera menos pela linguagem verbal e mais por regimes sensoriais incorporados.

Os relatos etnográficos apresentados demonstram como ações simples e aparentemente banais — segurar uma mochila, ceder espaço, acomodar sacolas ou concentrar-se em uma atividade manual — constituem formas de interação que ressignificam continuamente o espaço coletivo do ônibus. Essas práticas não apenas respondem às condições físicas do ambiente, como também expressam modos sensíveis de atenção ao outro, configurando sociabilidades momentâneas sustentadas por acordos tácitos e perceptivos.

Por fim, este trabalho contribui para a compreensão de que a comunicação sensorial em espaços públicos de mobilidade coletiva, como o ônibus, constitui uma via privilegiada para entender as dinâmicas sociais do cotidiano urbano. As interações mediadas por gestos, objetos e corpos revelam regras de convivência fundamentadas na atenção ao outro, na regulação sensível da copresença e na negociação contínua do espaço compartilhado. Ao deslocar o foco da linguagem verbal para os processos sensoriais incorporados, o artigo oferece uma contribuição ao campo da Comunicação ao evidenciar formas comunicacionais que operam no nível do sensível, da percepção e da experiência vivida, frequentemente marginalizadas nas análises centradas no discurso ou nos meios. A etnografia intersensorial, portanto, apresenta-se como um

caminho analítico potente para compreender como os sentidos moldam as sociabilidades e os processos comunicacionais nos espaços coletivos da cidade.

Ao evidenciar a centralidade dos sentidos, do corpo e dos objetos na organização da convivência cotidiana no transporte coletivo, este artigo reafirma a potência analítica da etnografia intersensorial para o campo da Comunicação, ao revelar formas comunicacionais que operam no plano do sensível, da percepção e da experiência vivida — dimensões fundamentais da vida urbana contemporânea, frequentemente marginalizadas nas abordagens centradas exclusivamente no discurso ou nos meios.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Marina Ramos Neves de. **As formas sociais do gosto**: sensorialidades e sensibilidades na feira do Guamá. Curitiba: Appris, 2024.
- CASTRO, Marina Ramos Neves de. Comprando na feira: etnografia sensorial e comunicação intersensorial na observação participante. In: CASTRO, M. R. N.; CASTRO, F. F.; RODRIGUES, L. C. F.; VENTURA, J. C. (org.). **Socialidades e sensibilidades amazônicas**. Belém: NAEA, 2024. p. 13–33.
- CASTRO, Marina Ramos Neves de. O vestido vermelho: consumo, cultura material e comunicação intersensorial na feira do Guamá. **Novos Cadernos NAEA**, v. 24, n. 2, p. 125–141, maio-ago. 2021.
- CASTRO, Marina Ramos Neves de. Comprando na feira: experienciando a carne do Mundo. Etnografia e comunicação intersensorial. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 24., 2020, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2020. p. 1–13.
- CASTRO, Marina Ramos Neves de. (2026). Etnografia e comunicação intersensorial: a concretude do gosto na Feira do Guamá. **Conexão - Comunicação E Cultura**, v. 23 n. 01 (2026). Disponível em: Etnografia e comunicação intersensorial: a concretude do gosto na Feira do Guamá | Conexão - Comunicação e Cultura. Acesso em: 12 ago. 2026.
- CHAGAS, Célia Regina Trindade; CASTRO, Marina Ramos Neves de; COSTA, Alda Cristina. Visualidades sociopolíticas de resistência na Amazônia: uma etnografia on foot das lutas das mulheres e feministas nas ruas de Belém do Pará. In: PINTO-COELHO, Z.; SILVA, M.; ALMEIDA, L. (org.). **Do poder político e discursivo das imagens de protestos feministas**. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

(CECS), Universidade do Minho, 2021. p. 87–115.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GOFFMAN, Erving. The interaction order. **American Sociological Review**, v. 48, n. 1, p. 1–17, 1983.

HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, p. 575–599, 1988.

HOWES, David. (Ed.) **Empire of the Senses: The Sensual Culture Reader**. Oxford: Berg, 2005.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. **Ponto Urbe** [online], v. 3, p. 1–53, 2018. DOI: 10.4000/pontourbe. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe>. Acesso em: 3 out. 2024.

LAPLANTINE, François. **Anthropologie modale: Du sensible à l'expérience**. Paris: Editions L'Harmattan, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PALLASMAA, Juhani. **Le regard des sens**. Paris: Éditions du Linteau, 2010.

PINK, Sarah. **Doing sensory Ethnography**. Londres: SAGE, 2009.

PINK, Sarah. "What is sensory ethnography?" [Streaming video]. **SAGE Research Methods**, 2011. Disponível em: <https://methods.sagepub.com/video/what-is-sensory-ethnography>. Acesso em: 8 out. 2024.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, E. (org). **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1993. p. 165-181.

SOESMAN, Albert. **Our twelve senses: wellsprings of the soul**. Stroud, Glous: Hawthorn, 1998.

SOESMAN, Albert. **A metrópole e a vida mental**. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WAGNER, Helmut. (Org.). **Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SOBRE O(A) AUTOR(A)

Marcelo Amador de Oliveira Dias

Bolsista CNPq e Mestrando do PPGCOM/UFGA, é graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em 2025. Fez parte do grupo de pesquisa "Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas".

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3969534459795484>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0443-2803>

E-mail: m2025.dias@gmail.com

Marina Ramos Neves de Castro

Professora da Faculdade de Comunicação da UFPA. Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGA (Nota 5 Capes) da Universidade Federal do Pará. Mestre em Artes pelo PPGArtes (Nota 4 Capes) do Instituto de Ciências das Artes e mestre em Estudos das Sociedades Latino-Americanas - Opção Comunicação, pela Université de la Sorbonne Nouvelle (Paris 3). Realizou estágio doutoral no Departamento de Antropologia do University College London, com o Prof. Daniel Miller a partir do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - com apoio da CAPES. Coordena, desde 2018, o grupo de pesquisa certificado pelo CNPQ Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas – SISA

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6636359546031674>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3065-270X>

E-mail: marinacastro@ufpa.br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

DIAS, Marcelo Amador de Oliveira; CASTRO, Marina Ramos Neves de. Quando a comunicação prescinde da palavra: comunicação intersensorial e sociabilidades no transporte coletivo urbano. **Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, v. 17, n. especial, p. e97533, 2026

RECEBIDO EM: 13/08/2026

ACEITO EM: 13/08/2026

PUBLICADO EM: 23/09/2026



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional